



O PAPEL DA (INTER)SUBJETIVIDADE VAZIANA NA SOCIEDADE
BRASILEIRA: UMA BUSCA PELA POLITIZAÇÃO DO ETHOS EM
TEMPOS DE COVID-19

THE ROLE OF (INTER) SUBJECTIVITY VAZIANA IN BRAZILIAN
SOCIETY: A SEARCH FOR THE ETHOS POLITICIZATION IN
TIMES OF COVID-19

Daniel da Silva Vieira¹
José Gleison Silva Carlos²

RESUMO

Esse artigo abordará a questão do ser humano nas relações que o constitui como ser chamado à totalização. Toma-se como instrumento de trabalho a ampla problemática mundial da pandemia do Covid 19 para tornar visível algo que novamente repercute: o grande debate sobre a subjetividade em seus parâmetros sociais, erroneamente interpretado com reducionismos. Utilizando-se do pensamento do filósofo Henrique Cláudio de Lima Vaz, no qual se baseia, principalmente, de Santo Tomás de Aquino e da dialética hegeliana, proporcionaremos um outro olhar para essa realidade que pode ser dita como de extrema importância para o futuro do próprio ser humano e também da sociedade na qual ele está inserido. Nas linhas que se seguem abordaremos primeiramente uma comparação entre a subjetividade e a intersubjetividade, as suas relações e suas dependências, e depois suscitaremos uma redescoberta do sentido da existência que engloba liberdade e singularidade pela utilização do caráter ético das relações amplamente verificados num *ethos* social bem definido.

Palavras-Chave: Subjetividade. Intersubjetividade. Sociedade. Ethos. Covid 19.

ABSTRACT

This article will address the question of the human being in the relationships that constitute him as being called to totalization. The wide global problem of the Covid pandemic 19 is taken as a working tool to make visible something that resonates again:

¹ Graduando em Filosofia pelo Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA). E-mail: freidanielofmcap@outlook.com.

² Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). Graduando em Teologia pelo Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA). E-mail: gleysontag@gmail.com.

the great debate about subjectivity in its social parameters, erroneously interpreted as reductionism. Using the thought of the philosopher Henrique Cláudio de Lima Vaz, on which Santo Tomás de Aquino and Hegelian dialectics are based, we will provide another look at this reality that can be said to be of extreme importance for the future of the very human being and also of the society in which he is inserted. In the lines that follow, we will first approach a comparison between subjectivity and intersubjectivity, their relationships and their dependencies, and then we will bring about a rediscovery of the meaning of existence that encompasses freedom and uniqueness through the use of the ethical character of relationships widely verified in a well-defined social ethos defined.

Keywords: Subjectivity. Intersubjectivity. Society. Ethos. Covid-19.

Introdução

Nesses tempos contemporâneos em que o ser humano perpassa a sua existência, e mais precisamente no ano de 2020, percebeu-se uma forte ressonância de uma dificuldade já vista antes e que assola a humanidade novamente: o erro do cultivo de uma subjetividade individualista que leva o ser humano para uma decadência da própria singularidade e particularidade. Os pensamentos do filósofo brasileiro Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002), surgem para esses tempos como legado para o entendimento de como investigar o ser humano e a própria sociedade da qual é pertencente, haja vista que estuda o sentido da essência e existência do homem em sociedade na busca de uma totalidade que o faça transcender e o tornar aquilo que deve ser: um ser realizado.

Esse trabalho científico, portanto, procura questionar o verdadeiro papel da subjetividade e da intersubjetividade na sociedade brasileira em tempos de pandemia. Tendo em vista a grande manifestação do relativismo e da indiferença de ambas as pessoas nesse momento turbulento, cujo traço do niilismo essencialista é bem evidente, se torna oportuno pensar o homem em si, e o seu verdadeiro sentido na sociedade brasileira.

A falta de conscientização com a vida tem sido outra problemática que atinge os valores e as normas da sociedade. Assim, estamos lidando com duas problemáticas na sociedade: a primeira é a perda do sentido da subjetividade, já a outra é o abandono da alteridade sendo pensado como um afastamento progressivo da intersubjetividade.

Será através de uma análise antropológica na filosofia de Lima Vaz que esse trabalho irá pensar o homem como ser no mundo. Resgatando as filosofias de São Tomás de Aquino e Hegel, Lima Vaz indica como via de autorrealização da subjetividade e da intersubjetividade a fenomenologia do *ethos*. É por meio de uma politização do *ethos* que será possível uma redenção do mal do niilismo ético.

Subjetividade e Intersubjetividade na sociedade: Uma redescoberta do Ser

Estamos em um mundo que vivencia um contínuo progresso rumo aos avanços das novas tecnologias e de novos saberes científicos. É nesse olhar sobre o frutuoso desenvolvimento do homem contemporâneo que se torna possível ver o homem através de suas vontades e de sua *práxis*. É notável esses sinais da evolução científica do saber e da técnica a partir da idade moderna. Da modernidade até a contemporânea, o desejo de progresso do saber prático sempre foi o maior desejo do homem. Porventura, quando se fala sobre o saber prático nesse sentido, recorda-se o objetivo da subjetividade na sociedade (*pólis*). No entanto, o papel da subjetividade na era contemporânea está cada vez mais preocupante.

Um novo conceito de homem pregado na atual sociedade contemporânea não se refere a uma busca de um autoconhecimento do homem para si mesmo, mas o autoconhecimento de que ele não será útil, enquanto sujeito, se nada puder oferecer à sociedade. O homem na idade contemporânea está perdendo o sentido da sua subjetividade. É funesto olhar alguns grupos e movimentos na era atual. Se por algum motivo não encontram algo no sujeito que satisfaça o sistema vigente esse mesmo sujeito não poderá ser útil em tal ambiente.

Diante dessa análise, o mal do esquecimento da subjetividade imposta ao homem, por ideologias como: niilismo, relativismo, utilitarismo e do ceticismo, tem gerado a grande decadência do humanismo das últimas décadas. Esse pensamento é visto propriamente por meio da revolução da filosofia moderna contra a revolução espiritual feita da Grécia antiga até a época medieval. O filósofo francês Alexandre Koyné, afirma:

Enquanto o homem medieval e o antigo visavam à pura contemplação da natureza e do ser, o moderno deseja a dominação e a subjugação. [...] O homem, como às vezes se diz, perdeu seu lugar no mundo, ou, dito talvez

mais corretamente, perdeu o próprio mundo em que vivia e sobre o qual pensava, e teve de transformar e substituir não só seus conceitos e atributos fundamentais, mas até mesmo o quadro de referência de seu pensamento (KOYRÉ, 2006, p. 5-6).

Assim, o aumento do abandono de forma racional da essência e da espiritualidade do homem, tem sido levada fortemente por um desejo ativista e utilitarista de algumas correntes ideológicas sobre o real valor do homem na contemporaneidade. Segundo a mentalidade da época presente, o homem não é o que ele é ou representa, mas o que ele pode oferecer à sociedade. É nesse contexto pandêmico de covid-19, que o homem tem elevado ao mais alto grau essa ideia de valorização da pessoa em forma de um utilitarismo desumano.

Foi visto por meio das plataformas digitais a grande banalização da doença. Os órgãos públicos e os agentes da área da saúde têm manifestado por diversos meios, o valor e o cuidado da vida que cada pessoa deve ter. Porém, nessa pandemia a sociedade convive em um constante paradoxo. Óbitos acontecem, famílias perdem pessoas, médicos lutam pela vida, e por outro lado, acontece o descumprimento de leis e decretos que pretendem orientar e politizar as consciências de cada cidadão brasileiro. Assim, a indiferença acontece na mais insensível forma de irresponsabilidade com a ética humana e social. Nesse caso, a vida do outro não incomodando a liberdade de algumas pessoas, a pandemia não se torna o problema, mas apenas mais uma gripe. Essas manifestações de “desprezo” pela vida humana foram reveladas de formas aterrorizantes.

Nesse contexto histórico da sociedade brasileira, a antropologia filosófica de Lima Vaz, traz ao homem a recordação de quem realmente ele é, através do aforismo “conhece-te a ti mesmo”, pensado segundo Sócrates. O pensamento vaziano procura levar o homem para uma relação de reencontro com o seu verdadeiro sentido. Todavia, principalmente nesses tempos de pandemia do novo coronavírus. A falta de pertença da essência e da existência humana, é um mal que se alastrou rapidamente com as infecções do vírus de covid-19. Não é apenas o medo de ser contaminado pela doença chinesa, mas de ser contaminado de forma feroz pela indiferença de algumas pessoas. Será que ainda podemos chamar o convívio social de sociedade ou comunidade?

A dialética humanística entre subjetividade (*eu*) e intersubjetividade (*outros*) é a tradução da filosofia de Tomás de Aquino acerca da singularidade do homem em si, por meio da unificação com os outros (humanidade). Dessa maneira, São Tomás de Aquino descreve:

Assim, portanto, evidencia-se que a essência do homem é significada tanto pelo termo homem como pelo termo “humanidade”, mas de maneiras diferentes, segundo ficou dito: o termo homem traduz a essência do homem como um todo, isto é, enquanto não subentende a designação da matéria, mas implicitamente a contém e indistintamente, como ficou dito, que o gênero abrange a diferença e por isso o termo homem se predica dos indivíduos. Em contrapartida, o termo “humanidade” designa a essência do homem como parte, englobando em seu significado exclusivamente o que compete ao homem enquanto homem, prescindindo de qualquer designação da matéria, razão pela qual não seria predicável dos homens considerados individualmente (AQUINO, 2000, p. 35).

O homem não é um sujeito perdido entre outros seres existentes. Ele é único na multiplicidade das formas das naturezas dos seres. Dessa maneira, Hegel defende o homem como sujeito integrante da sociedade em comunidade na realização da intersubjetividade:

A substância vivente é também o ser que na verdade é sujeito ou, o que dá no mesmo, é verdadeiramente efetivo somente na medida em que é o movimento do pôr-se-a-si-mesma, ou é a mediação consigo mesma do tornar-se outra. Como sujeito, ela é a pura simples negatividade e, justamente por isso, é a cisão do simples ou a duplicação que se opõe que é novamente a negação dessa diversidade indiferente e do seu oposto. O verdadeiro é unicamente essa diversidade que se enquanto tal, ou imediata enquanto tal. É o devir de si mesmo, o círculo que pressupõe seu fim como seu alvo, tem esse fim como princípio e é efetivo somente por meio da sua realização e do seu fim (HEGEL, 1992, p. 199).

Em contrapartida, é possível analisar o pensamento hegeliano como chave de leitura para compreensão cristã filosófica de Lima Vaz acerca do homem como sujeito singular e comunitário. O conceito de homem na antropologia de Lima Vaz, é lembrar o homem que ele é pessoa (*corpo, alma e transcendente*). Não é uma abstração física social, mas ele é um ser que não se faz sozinho ou em prol da limitação de se fazer apenas em outros. Ele é singular, porém que se faz no comunitário. O filósofo brasileiro, diz:

A pessoa é, assim, designada necessariamente pelo momento conceptual da singularidade na ordem de inteligibilidade do discurso para-nós. Ela surge ao termo do discurso como a singularidade que suprassume a universalidade da essência pela mediação da particularidade da existência que se realiza na história de cada um. Já na ordem da inteligibilidade em-si, a pessoa, como singularidade, exerce a mediação que faz passar a universalidade da essência na particularidade histórica da existência, ou que fundamenta historicamente essa passagem (VAZ, 1992, p. 191).

Essa singularidade é vista principalmente pelas qualidades do homem que são superiores a todos os animais irracionais. É por ser um ser de linguagem e consciência de si, primeiramente, que o faz distinguir-se da massa contingencial. E uma vez que é singular, garante para si o aspecto particular de sua existência. De fato, é um ser parte de algo, que está em si, mas chamado a ultrapassar a sua subjetividade dialeticamente para fora de si e, portanto, sua vida deve ser uma busca de autorrealizar-se na perspectiva de afirmar-se como pessoa nas implicações do seu existir, ganhando a capacidade de tornar-se responsável por si e pelo mundo que o sustém e o faz conhecer. É nesse aspecto que constitui a dignidade do homem, pois não se torna um ser estático, porém, é no movimento da própria vida que encontra o seu ideal.

Há isso excluí-se decididamente uma falsa liberdade que cria o individualismo e o coletivismo. O coletivismo ao impregnar-se na sociedade cria uma mentalidade distante do ideal da harmonia do bem comum, pois centra-se na fuga do ser humano para o coletivo, desfigurando-o para satisfazer ideologias do grupo, tirando a sua identidade própria. O individualismo, por sua vez, interrompe o humano de conhecer a alteridade, vivamente manifestada na abertura e dependência ao outro, gerando reciprocidade. Ao ver-se sociedades individualistas e coletivistas depara-se com a fragilidade que essas formas do existir humano podem provocar nas relações que, a curto prazo, promovem um certo “oásis social”, mas que, pelo prolongamento de suas ações, são certamente contestadas pelo próprio humano do qual se tornara seu instrumento.

O homem é a figura central de todo o contexto histórico social. É ele que trata sobre a elaboração do direito, da justiça e de preceitos morais pregados na pólis, para que aconteça um melhor convívio entre todas as classes sociais. Nessa visão, o papel do homem é tido como uma busca pelo saber. Entretanto, na história da humanidade

nunca se teve uma ideia universal e única sobre quem é realmente o homem, e o que ele representa. Diante da relação do ser-homem na sociedade, Lima Vaz diz:

Trata-se de uma experiência situada, pois só enquanto situado, ou circunscrito pela finitude da situação, o homem pode tornar-se objeto de si mesmo na pergunta filosófica. As dimensões da situação humana fundamental são as dimensões da experiência filosófica que se traduzirá conceitualmente no discurso da Antropologia filosófica. Experiência é interpenetração de presenças: a presença do homem é uma presença no mundo (ser-no-mundo), um ser-com-os-outros e uma presença a si mesmo. E essas três dimensões — Natureza, Sociedade, Eu — definem o espaço da experiência filosófica fundamental que a Antropologia filosófica deve tematizar (VAZ, 1998, p. 161).

A falta de consciência do valor do sentido da subjetividade e da intersubjetividade tem sido sinônimo de trivialização do ser humano, ou seja, a essência e a existência do homem na contemporaneidade estão mergulhadas no grande oceano do niilismo³ ético e social.

As ideologias desumanas não estão levando a sociedade brasileira ao esquecimento de suas vidas, mas de sua essência e existência. Ser pessoa não é constituir-se apenas de forma somática, ou seja, somente matéria, mas é ter a singularidade e a inteligibilidade. A imagem do ser humano está fragmentada pela indiferença e pelo egoísmo que garantem uma diminuição do próprio humano ao humano. A subjetividade, pois, somente tem sentido quando se dobra em potência na intersubjetividade. Ao contrário não teremos um homem, mas o que se resultará do processo serão indivíduos solitários e esquecidos. Sem sombras de dúvidas a categoria da intersubjetividade é o que dá o valor à da subjetividade.

A crise de sentido é um mal que está levando o homem a esquecer-se de si mesmo. Sem a realização do caminhar do homem para o Bem por meio de sua subjetividade aliada à intersubjetividade, não se torna possível ter um *ethos* (bons costumes). É, pois, a pessoa humana que faz o *ethos* acontecer na relação com o outro. Sem o pressuposto da ética singular da pessoa, uma busca pela politização do *ethos* na sociedade nesses tempos sombrios de covid-19, jamais haverá um novo

³ “Este niilismo manifesta-se, no plano do conhecimento, sob a forma do subjetivismo, que considera os juízos morais mera expressão de sentimentos, ou seja, opiniões pessoais absolutamente inverificáveis; no plano do comportamento, como individualismo, desvinculado de qualquer ordem socialmente aceita de normas, valores e fins.” (DOWELL, 2007, p. 246).

normal. Porque quando todos forem vacinados contra a covid-19, estarão livres apenas de um mal, entretanto, ainda continuarão infectados pelo niilismo ético.

A politização do *ethos*: um antídoto contra o niilismo ético em tempos de covid-19

Por que falar de uma politização do *ethos* em tempos de covid-19? Não se trata apenas de falar sobre o conceito de *ethos*, mas a sua fundamental importância acerca do futuro da pessoa humana na sociedade brasileira em tempos tão sombrios de incertezas e indiferenças político-sociais. As pessoas estão perdidas diante de tantos acontecimentos ocorridos na sociedade brasileira em decorrência da pandemia do novo coronavírus. O medo da morte, a preocupação pela falta de assistência nos hospitais, a angústia de perder o emprego, a complexidade dos órgãos públicos sobre qual a decisão correta a aplicar para um maior bem social, os diversos tipos de ideologias manifestadas na política brasileira e a total banalização da vida, são de fato, as sequelas da nova peste do século XXI.

As notícias descrevem um novo normal, durante a pós-pandemia. Antes de tudo, sempre devemos resgatar como pressupostos alguns questionamentos: Será que vivíamos em tempos normais antes da problemática pandêmica de covid-19? Será que éramos pessoas normais? Por que os brasileiros se preocupam mais com as mortes nesse tempo de covid-19, do que os grandes números de óbitos ocasionados pelos diversos tipos de violência que ocorriam antes das primeiras manifestações do vírus chinês? Talvez, o problema se torna mais forte quando a certeza da morte chega nas ruas das cidades brasileiras.

Há mais de um ano, a problemática da pandemia do novo coronavírus não se tornou mais uma peste na humanidade. Ela se tornou um grande “buraco negro” que continua a sugar todo o sentido da essência e da existência da pessoa humana. As consequências desse terrível vírus têm se alastrado na sociedade, e assim, refletindo também em toda a estrutura fundamental do homem (corpo, psique e espírito). Em vista disso, isso poderá ocasionar surgimentos de sequelas nas categorias de relações (objeto, intersubjetividade e transcendência) do homem.

Porém, a partir do olhar das filosofias de São Tomás de Aquino e de Hegel, o pensamento de Lima Vaz resgatar para a idade contemporânea o valor do *ethos* e a

sua importância para o homem e para a sociedade, que por motivos de uma “cegueira utilitarista” poderá ocasionar um esquecimento do sentido de sua essência e de sua existência. Por causa da repentina chegada da morte nas ruas de cada cidade do Brasil, o homem está perdendo o sentido do nós. Dando apenas o lugar para o eu no seu eu. Diante da problemática do novo coronavírus, o aceleração da perda de identidade do nós no homem nesses tempos, tem sofrido um ocorrente acréscimo de banalização da sua pertença, enquanto ser no mundo e ser com os outros. Resgatar o sentido do *ethos* em tempos pandêmicos não é falar de algo velho em tempos novos, mas é redescobrir aquilo que o homem contemporâneo relativizou e enterrou no fundo do seu Ser. A filosofia vaziana busca na filosofia grega, uma forma de revelar ao homem o verdadeiro significado do *ethos* no tempo e no espaço:

Na língua filosófica grega, *ethike* procede do substantivo *ethos*, que receberá duas grafias distintas, designando matizes diferentes da mesma realidade: *ethos* (com *eta* inicial) designa o conjunto de costumes normativos da vida de um grupo social, ao passo que *ethos* (com *epsilon*) refere-se à constância do comportamento do indivíduo cuja vida é regida pelo *ethos*-costume. É, pois, a realidade histórico-social dos costumes e sua presença no comportamento dos indivíduos que é designada pelas duas grafias do termo *ethos*. Nesse seu uso, que irá prevalecer na linguagem filosófica, *ethos* (*eta*) é a transmissão metafórica da significação original com que o vocábulo é empregado na língua grega usual e que denota a morada, covil ou abrigo dos animais, donde o termo moderno de *Etologia* ou estudo do comportamento animal. A transposição metafórica de *ethos* para o mundo humano dos costumes é extremamente significativa e é fruto de uma intuição profunda sobre a natureza e sobre as condições de nosso agir (*práxis*), ao qual ficam confiadas a edificação e preservação de nossa verdadeira residência no mundo como seres inteligentes e livres: a morada do *ethos* cuja destruição significaria o fim de todo sentido para a vida propriamente humana (VAZ, 2002, p. 13).

Através dessa abordagem, Lima Vaz reconstrói na idade contemporânea o sentido do *ethos*. Assim, refletindo a sua total importância na construção da pessoa humana. O homem se faz na sociedade, e a sociedade faz o homem por meio do *ethos*. Entretanto, as diversas formas de polarização de ideologias contrárias ao bem social têm prejudicado a retomada do *ethos* como essência da sociedade para que haja uma forma de intersubjetividade-ética. Por isso, a filosofia vaziana sempre procurou buscar o real significado de viver em sociedade. Assim, o filósofo humanista diz:

O *ethos* é a morada do animal e passa a ser a “casa” (*oikos*) do ser humano, não já a casa material que lhe proporciona fisicamente abrigo e proteção, mas a casa *simbólica* que o acolhe espiritualmente e da qual irradia para a própria casa material uma significação propriamente *humana*, entretecida por relações afetivas. Éticas e mesmo estéticas, que ultrapassam suas finalidades puramente utilitárias e a integram plenamente no plano humano da *cultura* (VAZ, 2002, p. 39-40).

Lima Vaz, não procura levar o homem ao passado, mas levá-lo a reconhecer no passado a sua essência. Nesse sentido, o homem deve reformar a sua casa não com o erguimento de paredes e telhados, mas com uma reconstrução do *ethos* em prol de uma relação subjetiva com os outros. Dessa maneira, a filosofia de Lima Vaz torna o *ethos* uma luz para que homem possa enfrentar os desafios impostos pela pandemia.

O *ethos* é constitutivamente *tradicional*, pois o ser humano não conseguiria refazer continuamente sua morada espiritual. [...] A contraprova da *tradicionalidade* intrínseca do *ethos* pode ser vista na dissolução das tradições éticas na sociedade contemporânea cujo efeito primeiro e inevitável é o *niilismo* ético generalizado, que vem pondo em risco o próprio futuro da civilização (VAZ, 2002, p. 40).

No entanto, a problemática da pandemia de covid-19 na sociedade brasileira não atinge apenas a saúde física ou espiritual da pessoa humana. Esse vírus poderá ser mais letal, quanto imaginamos. Se os cientistas e pesquisadores observam a infecção do coronavírus mortal para o ser humano, mais ainda para aqueles que sofrem de alguma doença crônica ou ainda algumas complicações infecciosas, imaginemos, pois, a mistura desse vírus com algumas células do espírito humano já contaminadas pela doença maligna do niilismo ético.

O abandono do pronome nós está sendo colocado de lado, e apenas o homem se torna na obrigação de permanecer no pronome da primeira pessoa do singular. A noção de salvar vidas está sendo enterrada nos cemitérios. O eu e o nós, não são apenas números, mas são vidas únicas que jamais poderão ser rescritas no seio da família e da sociedade. O forte acréscimo de uma banalização da vida, é um aguar a sementeira do niilismo ético. O pensamento de Nietzsche se torna cada vez mais visível de acordo com ação de pessoas inclinadas ao abandono do outro e da relativização dos pedidos expostos pelas autoridades públicas e pelos órgãos sanitários.

E assim a crença na absoluta imoralidade da natureza, na ausência de fim e de sentido, é a emoção psicologicamente necessária, mais ser mantida. O niilismo aparece agora, não porque o desprazer pela existência fosse maior do que antes, mas porque em geral surgiu uma desconfiança contra um “sentido” do mal, e mesmo da existência. Uma interpretação sucumbiu: mas, porque ela valia como a interpretação, parece como se não houvesse nenhum sentido na existência, como se tudo fosse em vão (NIETZSCHE, 1991, p. 163).

A via que permite essa abertura dos olhos da pessoa humana, é a busca de uma vida ética. Somente em uma busca singular de cada pessoa se torna possível alcançar uma autoconscientização do saber ético, e assim, tornando um caminho para a politização do *ethos* na sociedade. O homem esqueceu quem ele é, e assim, somente pelas vias da intangibilidade e da sensibilidade as pessoas poderão olhar para o mesmo ideal. O niilismo ético é um mal que ultrapassa gerações. A falta de pertença do Bem é a característica da perigosa fase de perigo da doença do niilismo ético. É por meio dessa autoanálise crítica do conceito de homem na contemporaneidade, que a filosofia humanista vaziana pretende iluminar através de um sentido humanista o sentido do eu, e depois manifestar aos outros essa autorrealização.

Lima Vaz discorda radicalmente desse modelo de liberdade individualista e da sociedade em vista da satisfação das necessidades artificiais dos sujeitos. Para ele, a liberdade e a sociedade propriamente humanas requerem outro nível de racionalidade que expresse a natureza e a estrutura da convivência humana em um nível mais elevado do que a produção e o consumo de objetos. Para superar, portanto, o solipsismo e o niilismo ético e propor um conceito de liberdade que contemple a verdade sobre a relação intersubjetiva, Lima Vaz aproxima-se do instrumental teórico hegeliano, e, metodologicamente faz certa analogia entre a categoria de pessoa como expressividade e a Ideia Absoluta hegeliana como método, na tentativa em encontrar o fundamento absoluto para o ser e o agir humanos (SOUSA, 2010, p. 20).

A busca pelo *ethos* é um grande desafio enquanto nem todos os membros da sociedade tem o mesmo objetivo de trilhar um caminho para a autorrealização de uma politização da tradicional essência do *ethos*. Somente um caminho decido pela própria subjetividade em prol de uma defesa de desenvolvimento da intersubjetividade, se torna um meio possível para buscar um caminho de vacinação da politização do *ethos* contra a doença do niilismo ético e também contra a ideia da tomada do sentido de solipsismo em tempos de covid-19. O impulso de estar e viver em sociedade ou em

comunidade é o que a filosofia de Lima Vaz tenta trazer para o homem contemporâneo. A pessoa humana tem a responsabilidade de realizar o primeiro passo para resgatar o *ethos* como antídoto para enfrentar os sintomas do niilismo ético empregando de forma radical na sociedade brasileira. Nesse tempo a saúde do homem não deveria estar em primeiro lugar, mas sobretudo, a saúde da pessoa humana na intersubjetividade ética como uma forma de defesa do mal do niilismo ético, a uma banalização do verdadeiro sentido de ser o outro.

Considerações Finais

A ética estava unida à política de forma harmônica no início da polis grega e com isso se tinha um *ethos* bem definido na interpretação do mundo, já que os valores, e também as virtudes interiores e sociais estavam inteiramente ligadas ao público e não somente ao privado. Para tal efeito, o advento da pandemia surge como um aqueduto onde se tem novamente a dificuldade de tempos anteriores repercutindo na desvirtuação da própria civilização pelos inúmeros contextos de reducionismos do ser humano inerentes a ideologias e pensamentos contrários à totalidade do mesmo. Lima Vaz, como apreciamos, propõe o retorno do *ethos* em sociedade para melhor desenvolver o próprio sentido da existência que é a realização do homem e assim a realização do conjunto social.

A tal politização do *ethos*, aqui defendida, é de extrema importância para o desenvolvimento do contexto brasileiro que, mergulhado no niilismo ético, acaba por distanciar-se de sua plena realização, realização essa caracterizada no bem comum de todos os seus habitantes. Não será, contudo, uma resolução rápida pois exige a liberdade dos indivíduos de acatarem ao Bem social que garantirá como antídoto eficaz para o individualismo crescente.

A existência supõe a capacidade do indivíduo ao longo do seu percurso humano em sua essência de ser em si e para o outro. É na própria comunidade humana que desvendará a sua alegre sorte de se tornar algo mais do que um mero objeto nas relações, se auto-manifestando na reciprocidade que o impele. Para tal feito, necessitará do indivíduo a plena liberdade que o constitui como ser na realização do bem que o compete, tendo como base a intersubjetividade que o fortifica na harmonia entre tons tão variados das relações humanas.

Nesse olhar vê-se que a subjetividade no homem é mera ilusão quando não tratada juntamente e dependente da intersubjetividade, pois o ser humano ao longo da história faz-se enquanto ser a partir de um todo, e assim se realiza. Não existe, portanto, um individualismo que salva e que propicia um bem-estar social, haja vista que com a existência humana e mais drasticamente nesse século a experiência demonstra o contrário.

Torna-se com toda razão de contestação as ideologias e formas de pensamento que em vez de suscitarem o enobrecimento do homem, o diminuíram pelo simples fato ora de como parte submissa de um todo opressor, outrora como algo à parte do todo. A existência como isenta de sentido, como prega o niilismo, acaba sendo apenas mais uma desconstrução daquilo que o homem deve se tornar, pois o “super homem” se perpetuará na medida que ele próprio instigar a si mesmo como participante generoso em um imenso todo nas relações.

Concluimos, portanto, esse trabalho, salientando que a gravidade de todo o contexto presente só será possível de ser contornada se o próprio humano retornar a acreditar naquilo que para ele tem se tornado utopia, por mais que pregue a revolução do ser. Essa totalidade que ele tanto almeja está cada vez mais longe de seus olhos de águia, o levando para voos instáveis por ventos contrários do individualismo que ele mesmo fabrica. Porém, como é um ser para a transcendência, surge repentinamente a esperança a partir do seu agir num *ethos* que o eleve a altas alturas do pensamento e da prática.

Referências

AQUINO, São Tomás. **O ente e a essência**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

DOWELL, João Augusto Mac. Ética e direito no pensamento de Henrique de Lima Vaz. **Revista Brasileira de Direito Constitucional (RBDC)**, n. 09, jan./jun. 2007.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A fenomenologia do Espírito**. Tradução de Henrique Claudio de Lima Vaz. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

KOYRÉ, Alexandre. **Do mundo fechado ao universo infinito**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre o niilismo**. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores).

SOUSA, Maria Celeste de. O conceito de comunidade segundo Lima Vaz. **Theoria Revista Eletrônica de Filosofia**. Pouso Alegre, v. 2, p. 17-33, 2010.

VAZ, Henrique Claudio de Lima. **Antropologia filosófica I**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1998.

VAZ, Henrique Claudio de Lima. **Antropologia filosófica II**. São Paulo: Loyola, 1992. (Coleção filosofia; 22).

VAZ, Henrique Claudio de Lima. **Escritos filosóficos IV**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

Artigo recebido em: 14/05/2021.
Artigo aprovado em: 30/05/2021.